



A Santa Sé

SANTA MISSA NO DIA DO PERDÃO DO ANO SANTO DE 2000

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Domingo 12 de Março de 2000

1. *"Suplicamo-vos, pois, em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus. Aquele que não havia conhecido pecado, Deus O fez pecado por nós para que nos tornássemos n'Ele justiça de Deus" (2 Cor 5, 20-21).*

Eis as palavras de São Paulo, que a Igreja relê cada ano, na Quarta-Feira de Cinzas, no início da Quaresma. No tempo quaresmal, a Igreja deseja unir-se de modo particular a Cristo que, movido interiormente pelo Espírito Santo, empreendeu a sua missão messiânica indo para o deserto e ali jejuando durante quarenta dias e quarenta noites (cf. *Mc 1, 12-13*).

No termo daquele jejum foi tentado por Satanás, como anota de maneira sintética, na liturgia hodierna, o evangelista Marcos (cf. 1, 13). Mateus e Lucas, ao contrário, com maior amplitude tratam deste combate de Cristo no deserto e da sua definitiva vitória sobre o tentador: "Vai-te, Satanás, pois está escrito: ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto" (*Mt 4, 10*). Quem fala assim é Aquele "que não havia conhecido pecado" (*2 Cor 5, 21*), Jesus, "o Santo de Deus" (*Mc 1, 24*).

2. *"Aquele que não havia conhecido pecado, Deus O fez pecado por nós" (2 Cor 5, 21).* Pouco antes, na segunda Leitura, escutámos esta afirmação surpreendente do Apóstolo. O que significam estas palavras? Parecem um paradoxo, e efectivamente são-no. Como pôde Deus, que é a própria santidade, "tratar como pecado" o seu Filho unigénito, enviado ao mundo? No entanto, precisamente isto lemos na passagem da segunda Carta de São Paulo aos Coríntios. Estamos diante de um mistério à primeira vista desconcertante, mas inscrito de modo claro na divina Revelação.

Já no Antigo Testamento, o Livro de Isaías fala disto, com inspirada previdência, no quarto cântico do Servo de Javé: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, cada um seguia o seu caminho; o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós" (53, 6).

Cristo, o Santo, embora sendo absolutamente sem pecado, aceita tomar sobre si os nossos pecados. Aceita para nos remir, aceita assumir os nossos pecados, para cumprir a missão recebida do Pai, que - como escreve o evangelista João - "amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único, para que todo o que n'Ele crer... tenha a vida eterna" (3, 16).

3. Diante de Cristo que, por amor, assumiu as nossas iniquidades, todos nós somos convidados a *um profundo exame de consciência*. Um dos elementos característicos do Grande Jubileu está naquilo que qualifiquei como "purificação da memória" (Bula *Incararnationis mysterium*, 11).

Como Sucessor de Pedro, pedi que "neste ano de misericórdia a Igreja, fortalecida pela santidade que recebe do seu Senhor, se ajoelhe diante de Deus e implore o perdão para os pecados passados e presentes dos seus filhos" (*ibid.*). Este primeiro domingo da Quaresma pareceu-me a ocasião propícia para que a Igreja, reunida espiritualmente à volta do Sucessor de Pedro, implore o perdão divino para as culpas de todos os crentes. *Perdoemos e peçamos perdão!*

Este apelo suscitou na Comunidade eclesial uma profunda e profícua reflexão, que levou à publicação, nos dias passados, de um documento da Comissão Teológica Internacional, intitulado "*Memória e reconciliação: a Igreja e as culpas do passado*". Agradeço a quantos contribuíram na elaboração deste texto. Ele é muito útil para uma correcta compreensão e actuação do autêntico pedido de perdão, fundado sobre a *responsabilidade objectiva* que une entre si os cristãos, enquanto membros do Corpo místico, e impele os fiéis de hoje a reconhecerem, juntamente com as próprias culpas, as dos cristãos de ontem, à luz de um diligente discernimento histórico e teológico.

Com efeito, "por causa daquele vínculo que nos une uns aos outros dentro do Corpo místico, todos nós, embora não tendo responsabilidade pessoal por isso e sem nos substituirmos ao juízo de Deus - o único que conhece os corações - carregamos o peso dos erros e culpas de quem nos precedeu" (*Incararnationis mysterium*, 11). Reconhecer os desvios do passado serve para *despertar as nossas consciências diante dos compromissos do presente*, abrindo a cada um o caminho da conversão.

4. Perdoemos e peçamos perdão! Enquanto louvamos a Deus que, no seu amor misericordioso, suscitou na Igreja uma maravilhosa messe de santidade, de ardor missionário, de total dedicação a Cristo e ao próximo, não podemos deixar de reconhecer *as infidelidades ao Evangelho, nas quais incorreram alguns dos nossos irmãos*, especialmente durante o segundo milénio. Pedimos perdão pelas divisões que surgiram entre os cristãos, pelo uso da violência que alguns deles fizeram no serviço à verdade, e pelas atitudes de desconfiança e de hostilidade às vezes

assumidas em relação aos seguidores de outras religiões.

Confessamos, com maior razão, *as nossas responsabilidades de cristãos pelos males de hoje*. Perante o ateísmo, a indiferença religiosa, o secularismo, o relativismo ético, as violações do direito à vida, o desinteresse para com a pobreza de muitos países, não podemos deixar de perguntar-nos quais são as nossas responsabilidades.

Pela parte que cada um de nós, com os seus comportamentos, teve nestes males, contribuindo para deturpar o rosto da Igreja, pedimos humildemente perdão.

Ao mesmo tempo, enquanto confessamos as nossas culpas, *perdoamos as culpas cometidas pelos outros em relação a nós*. No decurso da história, inúmeras vezes os cristãos sofreram maus-tratos, prepotências, perseguições por causa da sua fé. Assim como as vítimas dessas injustiças perdoaram, de igual modo perdoamos também nós. A Igreja de hoje e de sempre sente-se empenhada em *purificar a memória* daquelas tristes vicissitudes de todo o sentimento de rancor ou de vingança. O Jubileu torna-se assim para todos a ocasião propícia para uma profunda conversão ao Evangelho. Do acolhimento do perdão divino deriva o empenho no perdão dos irmãos e na reconciliação recíproca.

5. Mas o que exprime para nós o termo "reconciliação"? Para captar o seu exacto sentido e valor, é preciso antes dar-se conta da possibilidade da divisão, da separação. Sim, o homem é a única criatura sobre a terra que pode estabelecer uma relação de comunhão com o seu Criador, mas é também *a única que se pode separar d'Ele*. Infelizmente, de facto muitas vezes ele se afasta de Deus.

Felizmente muitos, como o filho pródigo, do qual fala o Evangelho de Lucas (cf. 15, 13), depois de terem abandonado a casa paterna e dissipado a herança recebida, chegando a tocar o fundo, se deram conta de quanto tinham perdido (cf. *Lc 15, 13-17*). Empreendem, então, o caminho do retorno: "Levantar-me-ei e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei..." (*ibid.*, v. 18).

Deus, bem representado pelo pai da parábola, acolhe todo o filho pródigo que a Ele retorna. Acolhe-o mediante Cristo, no qual o pecador pode tornar-se "justo" com a justiça de Deus. Acolhe-o, porque tratou o seu Filho eterno como pecado em nosso favor. Sim. Só por meio de Cristo podemos tornar-nos justiça de Deus (cf. *2 Cor 5, 21*).

6. "*Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único*". Em síntese, eis o significado o mistério da redenção do mundo! É preciso dar-se profundamente conta do valor do grande dom que o Pai nos concedeu em Jesus. É preciso que diante dos olhos da nossa alma se apresente Cristo - o Cristo do Getsémani, o Cristo flagelado, coroado de espinhos, carregando a cruz e enfim crucificado. Cristo assumiu sobre si o peso dos pecados de todos os homens, o fardo dos nossos pecados, para podermos, em virtude do seu sacrifício salvífico, ser reconciliados com

Deus.

Como testemunha, apresenta-se-nos hoje Saulo de Tarso, que se tornou São Paulo: ele experimentou de maneira singular o poder da Cruz no caminho de Damasco. O Ressuscitado manifestou-se-lhe com todo o seu fulgurante poder: "Saulo, Saulo, por que Me persegues?..."

Quem és Tu, Senhor?... Eu sou Jesus, a quem tu persegues!" (Act 9, 4-5). Paulo, que experimentou de modo tão forte o poder da Cruz de Cristo, dirige-se hoje a nós com uma ardente súplica: "*Exortamo-vos a que não recebais em vão a graça de Deus*". Esta graça é-nos oferecida, insiste São Paulo, pelo próprio Deus, que hoje nos diz: "*Ouvi-te no tempo favorável e ajudei-te no dia da salvação*" (2 Cor 6, 1-2).

Maria, Mãe do perdão, ajuda-nos a acolher a graça do perdão que o Jubileu nos oferece em abundância. Faze que a Quaresma deste Ano Santo extraordinário seja para todos os crentes e para todo o homem que está à procura de Deus, o momento favorável, o tempo da reconciliação, o tempo da salvação!

Esta liturgia que celebrou a misericórdia do Senhor e quis purificar a memória do caminho dos cristãos nos séculos suscite em toda a Igreja, e em cada um de nós, um empenho de fidelidade à mensagem perene do Evangelho: nunca mais a contradição à caridade no serviço da verdade; nunca mais os gestos contra a comunhão da Igreja; nunca mais as ofensas em relação a qualquer povo; nunca mais os recursos à lógica da violência; nunca mais as opressões, o desprezo dos pobres e dos últimos. E com a sua graça o Senhor leve a bom termo o nosso propósito e nos conduza todos juntos à vida eterna.